

## BREVE ANÁLISE DO IMAGINÁRIO E DO SIMBÓLICO NA NARRATIVA *A BOLSA AMARELA*: CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO

Odjane da Silva Lima Melo <sup>1</sup>  
Rosângela Neres Araújo da Silva <sup>2</sup>

### RESUMO

Fomentar o imaginário através da leitura literária é uma das grandes possibilidades da literatura em nossa sociedade atual, principalmente após o advento da Psicanálise. Desta forma, este artigo busca analisar como o imaginário e o simbólico são utilizados pela autora Lygia Bojunga em suas obras, mais especificamente, na narrativa *A Bolsa Amarela* (2021) e de que forma esses dois conceitos podem contribuir para a formação de um leitor literário mais autônomo e reflexivo em sua prática social. Metodologicamente optou-se por revisão bibliográfica onde nos debruçamos sobre estudos basilares de autores como Vera Maria Tietzmann Silva (2009), Regina Zilberman (2003), Nelly Novaes Coelho (2000), Marisa Lajolo (2018), Teresa Colomer (2017) dentre outros. Nesta perspectiva, buscamos reconhecer e dialogar com a importância da literatura para a prática de uma leitura que gere reflexão e inquietação, transportando o leitor para o mundo de fantasia, sem se desligar do senso crítico, contribuindo assim, para a formação do leitor literário.

**Palavras-chave:** Literatura, Imaginário, Simbólico, *A Bolsa Amarela*, Formação do leitor literário.

### INTRODUÇÃO

A literatura infantil consegue unir com maestria o seu papel formador com um mundo de diversão e de muitas possibilidades imaginativas. Ao jovem leitor é entregue obras que associam o imaginário e o simbólico permitindo uma conexão entre a realidade vivida por ele e a história apresentada pela narrativa. É a partir dessa conexão entre a obra e a realidade que o leitor consegue enxergar propósito em sua leitura, identificar-se com as situações vividas pelas personagens fictícias e sentir-se representado, onde fazendo uso de sua imaginação consegue refletir sobre suas vivências reais.

Nesse contexto de imaginário e do simbólico, encontramos as obras da autora Lygia Bojunga que repletas de imagens simbólicas conseguem encantar seus leitores através de gerações, proporcionando uma leitura criativa, lúdica, levando-os a uma experiência leitora que certamente contribui para a formação de um leitor autônomo, crítico e, claro, reflexivo. Escolhemos como corpus de análise a narrativa *A bolsa amarela* que teve sua primeira edição no ano de 1976 e não parou mais. A obra já teve várias edições, sendo também traduzida para

---

<sup>1</sup> Mestranda do Curso PROFLETRAS - GUARABIRA - UEPB, [odjaneslmeo@gmail.com](mailto:odjaneslmeo@gmail.com)

<sup>2</sup> Professora Doutora em Literatura e Cultura - UEPB, [rosangelaneresuepb@gmail.com](mailto:rosangelaneresuepb@gmail.com)

outros idiomas, mostrando assim, sua aceitação positiva ao longo das gerações de leitores no Brasil e ao redor do mundo.

A autora Lygia Bojunga consegue apresentar uma infinidade de imagens simbólicas que envolve o leitor e confere à obra uma profundidade de significado com um apelo social muito importante para a formação crítica do jovem leitor. Personagens e cenário que nos levam a questionar as “amarras” de uma sociedade que muitas vezes, não permite o pensar do cidadão, “costurando o seu pensamento”, não permitindo um “lugar de fala”, como bem evidencia a Lygia Bojunga em sua obra *A Bolsa Amarela* (2021).

É válido ressaltar que os conceitos aqui abordados de imaginário e simbólico contemplam os personagens, o cenário, a escolha do foco narrativo e todos os pontos que compõem a trama. Nesse sentido, buscamos discutir um referencial teórico que aborde esses conceitos, mas que apresente sua importância dentro da leitura literária permitindo uma formação crítico-reflexiva do jovem leitor. Nessa premissa, partimos da importância da literatura e a formação do leitor a partir das considerações de Candido (2011), Regina Zilberman (2003), Rildo Cosson (2021), Teresa Colomer (2017) entre outros. Após, trazemos considerações teóricas acerca dos conceitos supracitados, imaginário e simbólico, elencando as ideias de Jacques Le Goff (1994) e Lacan e por último analisamos esses elementos a partir da obra *A Bolsa Amarela* (1976) da Lygia Bojunga.

## **METODOLOGIA**

Metodologicamente optamos por revisão bibliográfica onde nos debruçamos sobre estudos basilares de autores como Vera Maria Tietzmann Silva (2009), Regina Zilberman (2003), Nelly Novaes Coelho (2000), Marisa Lajolo (2018), Teresa Colomer (2017), Candido (2011) dentre outros. Enfatizamos também o caráter crítico-analítico já que durante a nossa pesquisa buscamos analisar fragmentos do texto literário *A Bolsa Amarela* da escritora Lygia Bojunga, mostrando algumas possibilidades de leitura para essa obra e observando através de elementos simbólicos o cotidiano de muitas crianças. Nesse caminho, buscamos dialogar com a importância da literatura na formação humana e como instrumento transformador reconhecendo e dialogando com a importância da literatura para a prática de uma leitura que gere reflexão e inquietação, transportando o leitor para o mundo de fantasia, sem se desligar do senso crítico, contribuindo assim, para a formação do leitor literário.

## REFERENCIAL TEÓRICO

É inegável que a literatura é uma importante ferramenta para a formação do indivíduo. Seguindo nesta perspectiva, voltamos nossos olhares para Candido (2011) quando o autor nos apresenta a literatura como sendo essencial ao ser humano; para ele, “não há povo, nem homem que possa viver sem ela”. Dessa forma, entendemos a literatura como sendo universal, já que em algum momento na sua vida o ser humano terá contato com ela. Ainda referenciando Candido (2011), ele nos aponta um conceito para literatura. Assim, ele nos diz:

Chamarei de literatura, de maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que, chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. Vista desse modo, a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possam viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação. (CANDIDO, 2011, p. 176)

Destacamos que o autor evidencia a importância da literatura para a formação humana, também engloba a literatura como sendo representação de todos níveis sociais e tipos de cultura. Delegando a ela, um papel fundamental: o de humanizar a sociedade através de sua fruição e intenção estética. Seguindo nesta perspectiva e associando ao conceito apresentado por Zilberman (2015, p. 11), onde a mesma nos afirma que a literatura é um “agente de conhecimento porque propicia o questionamento dos valores em circulação na sociedade”, ao nosso público-alvo, as crianças e adolescentes, é cristalino que os que possuem o hábito da leitura contam com um vasto mundo de conhecimento. Nesse ínterim, é fulcral que pensemos um pouco sobre as origens da literatura voltada para as crianças e os adolescentes, fazendo um breve passeio pelas suas origens. Assim, constituída como gênero em meados do século XVII na Europa, a literatura infantil recebeu uma função pedagógica visando uma educação moral, ou seja, com a sociedade burguesa em ascensão e uma reorganização das escolas, as histórias destinadas às crianças foram usadas como instrumento pedagógico.

Nessa abordagem, a criança vista como “adulto em miniatura” deveria receber uma educação que a preparasse para a vida, priorizando valores morais. Assim, os primeiros textos infantis foram uma adaptação de textos escritos para adultos. Coelho (2000) nos informa que os textos deveriam ser adequados a compreensão e ao interesse do pequeno destinatário. Dessa forma, dos textos eram

Expurgadas as dificuldades de linguagem, as digressões ou reflexões que estariam acima da compreensão infantil; retiradas as situações ou os conflitos não exemplares e realçando principalmente as ações peripécias de caráter aventureso ou exemplar... as obras literárias eram reduzidas em valor instrínseco, mas atingiam o novo objetivo: atrair o pequeno leitor/ouvinte e levá-lo a participar das diferentes experiências que a vida pode proporcionar, no campo do real ou do maravilhoso. (COELHO, 2000, p. 29-30)

O conceito e valorização da literatura infantojuvenil “como fenômeno significativo e de amplo alcance na formação das mentes infantis e juvenis” é algo muito recente em nossa sociedade, de acordo com Coelho (2000, p. 30). Para além da ideia de que as obras literárias sirvam apenas para ensinar diretamente as crianças, Colomer (2017, p. 19) sustenta que “a literatura para crianças e jovens deve ser, e ser vista, como literatura.” Com essa afirmação, a autora **nos diz** que a literatura infantojuvenil deve ser considerada como a representação do mundo através da palavra, unindo sonhos e a vida prática, o real e o imaginário. Assim, **podemos afirmar que** a literatura infantojuvenil é a arte do envolver, do encantar, do despertar para um mundo de possibilidades. É um encontro memorável entre o leitor e a descoberta do prazer de ler que pode perdurar para uma vida inteira. Mas antes de tudo, ela é literatura, ou melhor, é a arte de representação do mundo, do homem, da vida, é a experiência artística ao alcance dos pequeninos e pequeninas.

Dentro desse contexto, Junqueira (2004) ainda nos apresenta a diferença entre o caráter formador e a função pedagógica de literatura. Para a autora, enquanto a ficção incetiva o desenvolvimento da individualidade do jovem leitor, a parte pedagógica apresenta conceitos sociais determinados, assim, percebemos que a imaginação é mais fluida através da ficção. Observando uma dualidade entre o papel da literatura infantojuvenil enquanto pedagógica e ficcional, Zilbermann (2015, p. 16), aponta uma confusão entre essas funções tornando a relação entre literatura e ensino controversa:

De um lado, o vínculo de ordem prática prejudica a recepção das obras; o jovem pode não querer ser instruído por meio da arte literária; e a crítica desprestigia globalmente a produção destinada aos pequenos, antecipando a intenção pedagógica, sem avaliar os casos específicos. De outro lado, a sala de aula é um espaço privilegiado para o desenvolvimento do gosto pela leitura, assim como um campo importante para o intercâmbio da cultura literária, não podendo ser ignorada, muito menos desmentida sua utilidade. (Zilbermann, 2015, p.16)

Dialogando com a autora, torna-se inevitável atribuir novos valores à relação entre literatura e ensino. A escola assume um papel de extrema importância dentro do universo literário; o papel de despertar o interesse do jovem leitor pela literatura.

Ainda sobre o papel destinado as escolas enquanto espaço privilegiado para o encontro entre o leitor e o livro, Nelly Novaes Coelho (2000) colabora com a seguinte afirmação:

(...) a escola, é hoje, o *espaço privilegiado* em que deverão ser lançadas as bases para a formação do indivíduo. E, nesse espaço, privilegiamos os *estudos literários*, pois de maneira mais abrangente dos que quaisquer outros, eles estimulam o exercício da mente; a percepção do real em suas múltiplas significações; a consciência do eu em relação ao outro; a leitura do mundo em seus vários níveis e, principalmente, dinamizam o estudo e conhecimento da *língua*, da expressão verbal significativa e consciente – condição *sine qua non* para a plena realidade do ser. (COELHO, 2000, p. 16)

De acordo com as colocações de Coelho (2000), é na escola que devemos privilegiar os estudos literários, pois são esses que irão possibilitar uma leitura mais consciente do eu e do mundo, dinamizando o aprendizado e cumprindo com a sua função social. É importante ainda salientar que o leitor precisa ser visto como um ser ativo, não passivo, quer dizer, como um sujeito que já chega ao espaço escolar com alguma bagagem de leitura literária. Dessa forma, a escola precisa considerar esse fato ao sistematizar suas atividades literárias a fim de fortalecer os vínculos já existentes entre a literatura e o leitor literário.

É nesse cenário contemporâneo e compreendendo que a nossa sociedade, como um todo, passou por grandes mudanças, entre elas sociais e econômicas, que surgiu uma nova visão de mundo e, conseqüentemente, de infância. Foi nesse novo terreno que, segundo Colomer (2017, p. 189), “a literatura infantil e juvenil iniciou um novo caminho para adequar sua proposta literária e educativa aos leitores nascidos no seio dessas novas sociedades”. É nesse espaço de mudanças sociais que encontramos no cenário da literatura infantojuvenil brasileira a autora *Lygia Bojunga*, uma escritora brilhante que nos convida através de sua escrita a conhecer um mundo formado pela realidade, essa exigida nos tempos contemporâneos, mas um mundo também *com um pé* na fantasia tão necessária aos pequeninos e jovens leitores. Seus personagens nos convidam a olhar para o “mundo interior” e também para o “mundo social” onde vivem e se movem, promovendo uma liberdade de pensamento e permitindo uma leitura crítica, reflexiva, autônoma.

O caráter inovador e singular da escrita da Lygia Bojunga oferece ao jovem leitor um amplo sistema de signos e símbolos. O imaginário e o simbólico introduzidos na narrativa, amplia a relação entre a linguagem e a realidade transformando a leitura mais imaginativa e ao mesmo tempo levando o leitor a ser mais crítico em sua leitura social.

É fulcral discutirmos um pouco sobre o conceito de imaginário e de simbólico. Aqui nos interessa elencarmos um significado que interaja com a função da literatura e a formação do leitor literário. Dessa forma, dialogamos com Teixeira (2005, p.112), quando a autora descreve o imaginário a partir de uma gama de significados como sonhos, devaneios, mitos, entre outros. Em outros momentos podemos ainda identificar o termo como ideologia e representações. Contudo, o interesse pelo imaginário surge quando buscamos compreender o mundo por um viés menos conceitual, racional, e partimos para a compreensão de um mundo a partir de uma visão mais imaginativa. De acordo com Gilbert Durand, em *A Imaginação Simbólica* (1993), “símbolo é uma representação que faz parecer um sentido concreto, é a epifania de um mistério” (DURAN, 1993, p.12)

Para Cristóvão (2010), já fazendo um elo com a narrativa infantojuvenil *A Bolsa Amarela*, da escritora Lygia Bojunga, “A conjunção entre fantasia e realidade contidas em *A Bolsa Amarela* constroem um mundo coerente, racional, alimentam-se da fantasia e do imaginário por meio de uma sucessão de símbolos.” Assim, entendemos que a relação entre os termos simbólico e imaginário é dialógica, um ao lado do outro, se diferenciando em alguns aspectos, mas sempre se relacionando. Afinal, não há como falar do imaginário sem falar do simbólico, até porque, segundo Freire (2009,p.46) é através do símbolo que o imaginário é transmitido. É relevante também enfatizar que foi durante o século XIX, com o advento da Psicanálise, que surgiu a importância das imagens para os estudos mentais. Quando a ciência e o racionalismo não puderam mais explicar as complexidades do real, surgiram os estudos sobre o imaginário. A partir desse fato que os estudiosos voltaram seus olhares para esses conceitos buscando uma compreensão mais humana e humanizada da sociedade.

Importante ainda trazermos a discussão de Pasavento (1995), quando a autora diz que a dimensão criadora do imaginário nos leva a uma compreensão e discussão sobre os conceitos de racional e irracional. A autora discute e reitera que a imaginação não é uma negação do racional, ou seja, não podemos dizer que o imaginário nega totalmente o real, pelo contrário, o imaginário se ampara no real para modificá-lo, atribuir sentido, permitindo ao indivíduo identificar e compreender o universo real de seu pertencimento.

Dessa forma, destacamos que o simbólico e o imaginário podem ser vistos de diferentes formas, a partir de diversos estudos e autores, e percebemos também que são conceitos relativamente novos, dado as origens das ciências modernas. Contudo,

afirmamos que um não se firma sem o outro, já que o símbolo carrega o imaginário, permitindo uma transmissão de saber e conhecimento aos indivíduos.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A narrativa *A Bolsa Amarela* da Lygia Bojunga além de evidenciar um amadurecimento da personagem Raquel ao longo da história, também contribui com a formação do leitor, apresentando um campo de muitas interpretações, através das imagens simbólicas. A Raquel, uma menina de 10 anos, que já no início da história nos apresenta as suas três grandes vontades – a de crescer, a de ser garoto e a de se tornar escritora – e que as guarda dentro de uma bolsa amarela que recebeu de presente de sua tia Brunilda, convive com alguns conflitos familiares e entre eles, está o fato de que os adultos de sua família consideram que as crianças não tem muita voz nem vez na sociedade. A Bojunga nos apresenta uma narrativa onde uma menina, em meio a sociedade brasileira dos anos 70, busca sua afirmação enquanto sujeito.

Dialogando com Silva (2020), é possível compreendermos a importância da leitura de obras como a *Bolsa Amarela* para a formação de um leitor literário mais autônomo e reflexivo. Assim, a autora nos afirma que,

A leitura de *A bolsa amarela* permite que o indivíduo possa se tornar autônomo e enfrentar seus próprios desafios, seus medos vividos diante do mundo. A construção dessa autonomia se dá através do simbólico e do imaginário presentes nas obras de Lygia Bojunga. Já o leitor passa por um processo de amadurecimento, que é extremamente significativo para ele, afinal, esse é convidado a acompanhar a afirmação de adolescentes, portadoras de direitos, de vontades e, principalmente, de sonhos, como qualquer ser humano. (SILVA, 2020, p. 38)

Em uma jornada que busca o amadurecimento individual, superando medos e dificuldades, o imaginário e o simbólico são empregados pela Lygia Bojunga visando uma construção positiva no leitor, a partir da composição estética da obra e suas possíveis interpretações. É possível uma identificação com os dramas da personagem e assim, o leitor fazer uma reflexão sobre a sua própria história permitindo-se compreender o seu lugar na sociedade enquanto pessoa.

Os símbolos na obra vem de forma a transcender a realidade. É possível, através de nossa leitura, percebermos que as construções simbólicas são criadas dentro da literatura como forma de representar as experiências humanas. Corroborando com a nossa perspectiva, dialogamos com Eliade (1991, p. 8),

O pensamento simbólico não é uma área exclusiva da criança, do poeta ou do desequilibrado: ela é consubstancial ao ser humano; precede a linguagem e a razão

discursiva. O símbolo revela certos aspectos da realidade—os mais profundos que desafiam qualquer outro meio de conhecimento. As—imagens, os símbolos e os mitos não são criações irresponsáveis da psique; elas respondem a uma necessidade e preenchem uma função: revelar as mais secretas modalidades do ser.

Conversando com o exposto acima, elencamos alguns elementos presentes na obra como a própria bolsa amarela, o galo, o alfinete e a guarda-chuva, para fazermos uma breve análise desses que nos ajudarão a compreender os conflitos da Raquel e nos convidam, enquanto leitores, a uma reflexão sobre os nossos sonhos, conflitos e inseguranças.

A bolsa amarela da Raquel é a mais significativa das imagens simbólicas da obra. Podemos observar que a cor amarela conota entre outros significados, esperança, vida, juventude, alegria, segundo o dicionário *on-line* de significado das cores. Assim, sabiamente, não qualquer cor, mas esta em específico, foi escolhida pela autora Lygia Bojunga para colorir a bolsa e atribuir nome a própria obra. Em relação ao imaginário, a cor é um elemento de alto poder discursivo, e o amarelo está associado à sabedoria.

A bolsa permite que a personagem proteja suas vontades para que ninguém mais possa vê-las, ao mesmo tempo em que serve de transformação para elas. Nessa ótica, é um objeto que representa o nosso interior, esse lugar onde muitas vezes reprimimos desejos e vontades que não queremos que outras pessoas vejam, mas que assim como ocorre com a Raquel, se não cuidarmos de nossos sentimentos, eles podem “engordar” e “estourar” na frente de todos, sem que tenhamos controle sobre eles, nos deixando vulneráveis, assim como a Raquel nos diz que “parecia que tinha rebentado uma bomba dentro da bolsa amarela” (BOJUNGA, p. 79).

Para falarmos do galo Afonso, que a princípio era chamado de Rei, mas resolveu escolher o próprio nome: Afonso; Esse personagem é apresentado com uma característica bem marcante: usando uma máscara preta. Ainda nos referindo a cor, a simbologia da cor preta é de natureza ambígua, para os jovens, ela está associada a sofisticação e poder, mas para os adultos e idosos, ela está associada à morte e luto, segundo a Heller (2009). Esse mesmo personagem tem o grande desejo de buscar uma ideia para defender, ou seja, buscar seu próprio destino. Vivia em um galinheiro onde precisava dar ordens para diversas galinhas - que não conseguiam fazer nada sem que o Afonso mandasse elas fazerem – “Elas achavam que era melhor ter um dono mandando o dia inteiro: faz isso! Faz aquilo! Bota um ovo! Pega uma minhoca! Do que ter que resolver qualquer coisa. Diziam que pensar dá muito trabalho!” (BOJUNGA, p.35) e assim, o Afonso assumia toda a responsabilidade de “tomador de conta

de galinheiro”. Mas não era esse o destino que o Afonso queria, então resolveu fugir, como percebemos no fragmento abaixo:

Ele morava num galinheiro com quinze galinhas, mas ele era um cara muito igual e então achava que era galinha demais pra um galo só. Pra contar a verdade, ele vivia até um bocado sem jeito de ser chefe de uma família tão esquisita assim. Então ele resolve fugir do galinheiro. Mas aí dá medo de todo mundo ficar contra ele. E então ele passa o romance inteirinho naquela aflição de foge, não foge. Quando chega bem no fim da história, ele resolve o seguinte: se a vida dele era furada, ele tinha mesmo que fugir e pronto. (BOJUNGA, 2021, p.22).

Dessa forma, o galo Afonso que não gostava de brigar nem de ser tomador de conta de galinhas, resolve um dia ter ideias. Isso o tornou insubordinado e ele acaba sendo preso.

- Se ajudaram? Ha! Quando eu expliquei que desde pequenininho eu sonhava com um galinheiro legal, todo o mundo dando opinião, resolvendo as coisas, achando furada essa história de um galo mandar e desmandar a vida toda, sabe o que é que elas fizeram? Chamaram o dono do galinheiro e deram queixa de mim.

- No duro?

- Fiquei danado. Subi no puleiro e berrei: "Não quero mandar sozinho! Quero um galinheiro com mais galos! Quero as galinhas mandando junto com os galos!"

- Que legal!

- Legal coisa nenhuma; me levaram preso.

- Mas por quê?

- Pra eu aprender a não ser um galo diferente. Me botaram num quartinho escuro. Tão escuro que quando eu saí de lá tava todo preto. Só depois é que a cor foi voltando. Fiquei preso um tempão; sofri à beça. Aí, um dia, eles me soltaram. E foram logo dizendo: "Daqui pra frente você vai ser um tomador-de-conta-de-galinha como o seu pai era, como o seu avô era, como o seu bisavô era, como o seu tataravô era - senão volta pra prisão. (BOJUNGA, 2021, p. 36)

Percebemos a partir do trecho acima, esse que representa um diálogo da Raquel com o galo Afonso, que a autora leva o leitor a refletir sobre uma visão determinista de nossa sociedade. Uma visão que espera que os filhos sigam a carreira ou destino dos pais. Além disso, a autora também nos faz refletir sobre a época em que a obra foi escrita e que aqueles que resolviam pensar diferente dos que estavam no poder, sofriam sanções, podendo entre outras punições, serem presos, como o que ocorreu com o personagem. Assim, dialogando com Silva (1996), Bojunga apresenta o galo Afonso- com a função de dá ordens - e o galo Terrível – com o seu “pensamento costurado”, altamente manipulado pelos donos – como imagens que carregam uma simbologia de um sistema autoritário de um período em nossa história onde não havia liberdade de expressão.

Encontramos na narrativa também um personagem que tem a história mais curta de todas, o Alfinete de Fralda. Ele é guardado no bolso bebê da bolsa amarela, é lá que a Raquel decide deixá-lo. É possível, a partir de nossas leituras e interpretações, compreender que esse símbolo representa a própria Raquel, a criança de sua família, que assim como o Alfinete é

acolhido no bolso bebê da bolsa (como se fosse uma mãe), a Raquel também busca por um acolhimento materno, familiar.

-Me guarda? Já não aguento mais viver aqui jogado: passa gente em cima de mim; chove; eu fico todo molhado, pego cada ferrugem medonha; e cada vez que varrem a rua eu esfrio: pronto! Vão achar que eu não sirvo mais para nada, vão me levar no caminhão de lixo”; me encolo todo pra vassoura não me ver; e depois que ela passa, e depois que o susto passa, eu risco na calçada um anúncio de mim dizendo que eu sirvo, sim; mas nunca acontece nada. Me guarda?

-Guardo. (BOJUNGA, 2021, p.43-44)

Percebemos que através do Alfinete de fraldas, a Raquel diz que ela está ali, mas ninguém liga para ela, como se a qualquer momento a família pudesse abandoná-la em meio ao caos que é ser a única criança em uma família de adultos. Quando o Alfinete diz : “eu sirvo, sim!” pode ser um recado para a família: Eu estou aqui! Eu posso contribuir! Eu tenho valor!.

Outro personagem muito importante dentro do enredo que vai contribuir para o amadurecimento da personagem é a Guarda-chuva. Esse personagem representa um dos desejos da menina, que era o de querer crescer, associado também ao desejo de ser menino. O guarda-chuva , quando foi “nascer, quer dizer na hora que ele foi feito, o homem lá da fábrica – que era um cara muito legal e que gostava de ver as coisas gostando do que eles tinham nascido – perguntou: -Você quer ser guarda-chuva homem ou mulher? E ele respondeu:mulher”. (BOJUNGA, p.48). Dessa forma, encontramos uma personagem que vai ajudar a nossa protagonista a perceber como é legal ser mulher, mesmo em meio a uma sociedade que não valorizava e “prendia” o sexo feminino às “amarras” e aos “padrões estabelecidos pela sociedade, que enclausura a mulher no mundo privado e doméstico”(COLLING, 1997, p. 07).

Seguindo nesse viés, a Guarda-chuva traz uma perspectiva bem interessante de ser mulher para a nossa protagonista, fazendo assim com que ela, perceba que ser menina é importante. “Fui andando e pensando que eu também queria ter escolhido nascer mulher: a vontade de ser garoto sumia e a bolsa amarela ficava muito mais leve de carregar.” (Bojunga, p. 48).

Sobre a perspectiva da vontade de crescer, a Guarda-chuva também ajuda a Raquel nesse processo de amadurecimento, como entendemos no trecho a seguir:

Quando a Guarda-chuva viu que o homem estava fazendo o cabo comprido, pediu:

- Ah, me deixa pequena! Quero ser pequena a vida toda.

O homem se espantou:

- E se mais tarde você cismar de crescer?

- Não sei pra que: ser pequena é uma curtição.

[...]

- E aí virei pra Guarda-chuva e perguntei: - Por que é que você não queria ser grande, hem?

O Afonso foi logo respondendo:

- Porque ela adorava brincar, e gente grande tem mania de achar que porque é grande não pode mais brincar. (...) (BOJUNGA, 2021, p. 49-50)

Ao finalizar a leitura dessa obra que é composta por 10 capítulos, o jovem leitor, compreenderá o amadurecimento da Raquel e conseguirá dialogar com algumas questões vividas por grande parte de nossas crianças e adolescentes: a dificuldade de se comunicar com a família, o medo do julgamento, a vontade de crescer logo, buscar seu lugar de pertencimento, entre outros. Tudo isso será possível, graças a maestria da autora ao utilizar símbolos e imagens que vão dialogar com tais situações.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para a construção deste artigo, passeamos um pouco pela literatura e seu ensino e o papel da escola nesse processo, com um foco especial na formação do leitor literário. Assim, escolhemos como corpus de análise a narrativa *A bolsa amarela* da escritora brasileira Lygia Bojunga e durante este processo de análise, verificamos que por meio dos mecanismos como imaginário e o simbólico, a autora dialoga com o leitor, permitindo uma formação leitora mais significativa.

Evidenciamos que a Raquel, protagonista da narrativa, passa por um processo de amadurecimento, uma fase que pela idade da personagem, 10 anos, é característica da passagem do mundo da infância para o mundo da adolescência, e para pavimentar esse caminho de amadurecimento, a Raquel vai contar com sua bolsa amarela e vários amigos imaginários que simbolizam questões do cotidiano dos jovens, fazendo com que o leitor se identifique com a obra. Assim, nos apoiamos em estudos de autores como Pasavento (1995) para mostrar que o simbólico pode representar o real, assim, sendo o símbolo algo presente na vida de toda a sociedade, seria constituído de uma grande afetividade.

A Raquel utiliza a imaginação para superar desafios de seu cotidiano, levando ao leitor a refletir sobre esses conflitos, aprendendo assim, a lidar com os seus próprios conflitos, buscando sua identidade a partir de suas perspectivas sociais.

Diante do exposto, buscamos contribuir com os estudos sobre as obras da Lygia Bojunga, mais especificamente, *A Bolsa Amarela*, evidenciando a importância do imaginário e do simbólico para a formação de um leitor literário mais reflexivo sobre a sua prática leitora.

## REFERÊNCIAS

- BOJUNGA, L. A bolsa amarela. 36ª ed. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2021 .
- CANDIDO, A. Vários Escritos. 4. ed. São Paulo: Ouro Sobre Azul, 2004.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: \_\_\_\_\_. Vários Escritos. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul/ São Paulo: Duas Cidades, 2011.
- COELHO, N. N. Literatura infantil: teoria – análise – didática. São Paulo: Moderna, 2000.
- COLLING, Ana Maria. A resistência da mulher à Ditadura Militar no Brasil. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.
- CORSINO, Patrícia. Infância e literatura nas urdiduras de palavras e imagens. In A função da literatura na escola. (org.) Maria do Socorro Alencar Nunes Macedo. (p. 93-107)
- COSSON, Rildo. Letramento Literário: teoria e prática. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2021
- COLOMER, Teresa. Introdução à literatura infantil e juvenil atual / Teresa Colomer; Tradução Laura Sandroni. -1. ed.-São Paulo: Global, 2017.
- CRISTÓFANO, S. Definições e fronteiras do fantástico em A bolsa amarela, de Lygia Bojunga: o equilíbrio ideal entre a liberdade e as limitações do real. Via *Litterae*, Anápolis, v. 2, n. 1, p. 265-277, 2010.
- DURAND, G. As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral. São Paulo: Martins Fontes, 1997
- ELIADE, M. Imagens e Símbolos. Lisboa: Editora Arcádia, 1979.
- LAJOLO, Marisa, ZILBERMAN, Regina. 2004. Literatura infantil brasileira: histórias e histórias. 6 ed. São Paulo: Ática.
- LE GOFF, J. O imaginário medieval. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.
- JUNQUEIRA, Renata. Caminhos para a formação do leitor. São Paulo: DCL, 2004.
- PESAVENTO, S. J. Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 15, n. 29, p. 9-27, 1995.
- ZIMMERMAN, D. E. Etimologia de termos psicanalíticos. Porto Alegre: Artmed, 2012